

MAZE RUNNER

PROVA DE FOGO

JAMES DASHNER



MAZE RUNNER

PROVA DE FOGO



Editora: Flavia Lago

Editora assistente: Marcia Alves

Preparação: Alessandra Miranda de Sá

Revisão: Trisco Comunicação

Direção de arte: Paula Fernández

Diagramação: Cláudia Hernandes

Capa: Marcelo Orsi Blanco

Título original: *The Scorch Trials*

© 2010 James Dashner

© 2012 Vergara & Riba Editoras S/A

www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263
CEP 01259-010 | Bairro Sumaré | São Paulo | SP
Tel. | Fax: |55 11| 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN: 978-85-7683-299-7

Impressão e acabamento: Geográfica
Impresso no Brasil • Printed in Brazil
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

Maze runner: prova de fogo / James Dashner ,
tradução Henrique Monteiro. — Cotia, SP: Vergara
& Riba Editoras, 2011. — (Maze runner)

Título original: Maze runner: the scorch
trials.

ISBN 978-85-7683-299-7

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

II Série.

11-05304

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

MAZE RUNNER

PROVA DE FOGO

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: HENRIQUE MONTEIRO



1

Ela se comunicou com ele antes de o mundo desmoronar.

-Ei, ainda está dormindo?

Thomas se remexeu na cama. Na escuridão ao redor, sentiu como se o ar, inexplicavelmente sólido, o esmagasse. De início, entrou em pânico. Os olhos se arregalaram e ele se imaginou de volta à Caixa - aquele cubo horrível de metal frio por meio do qual fora levado à Clareira e ao Labirinto. Pouco a pouco, uma luz fraca e manchas sombrias começaram a surgir no imenso salão. Beliches. Armários. A respiração pausada e o ronco gorgolejante de garotos imersos em um sono profundo.

Deixou-se invadir por aquela sensação de alívio. Estava a salvo agora; fora resgatado e levado para aquele dormitório. Não havia mais com que se preocupar. Não existiam mais Verdugos. Nem mortes.

Toitt?

A voz soou de novo em sua mente. Inaudível. De uma garota. Invisível. Mas ele a ouvia, embora nunca conseguisse explicar a ninguém como aquilo acontecia.

Com um longo suspiro, relaxou, recostando-se no travesseiro. Os sentidos em alerta foram se acalmando após o breve momento de terror. Então respondeu, formulando as palavras com o pensamento:

Teresa? Que horas são?

Não faço ideia, replicou ela. Mas não consigo dormir. Provavelmente cochilei por quase uma hora. Talvez mais. Esperava que estivesse acordado para me fazer companhia.

Thomas tentou esconder o sorriso. Embora ela não pudesse vê-lo, seria embaraçoso, de qualquer modo.

Você não me deixou muita escolha quanto a isso, não é? É um pouco difícil dormir quando alguém fica falando direto dentro da sua cabeça.

Há-há! Volte a dormir, então.

Não. Estou bem. Olhou para o estrado do beliche de cima - os traços indistintos se esvanecendo na escuridão sombria -, onde Minho respirava como se houvesse uma quantidade horripilante de catarro alojada na garganta.

Em que estava pensando?

No que você acha?, respondeu ela, emprestando um quê de ironia às

palavras. Continuo vendo os Verdugos, com aquela pele nojenta e o corpo inchado, aqueles braços e os ferrões metálicos. Essa experiência pode ser chamada de tudo, menos de agradável, Tom. Como vamos tirar uma coisa dessas da cabeça?

Thomas sabia o que ela queria dizer. Nunca esqueceria aquelas imagens. Os Clareanos seriam assombrados pelo resto da vida pelas coisas horríveis que haviam acontecido no Labirinto. Ficou imaginando que a maioria, senão todos eles, teria sérios problemas psicológicos. Quem sabe não enlouqueceriam por completo?

Ele mesmo trazia a pior das lembranças marcada na memória, tão ferozmente gravada quanto uma marca impressa a ferro em brasa - seu melhor amigo, Chuck, apunhalado no peito, sangrando e agonizando em seus braços.

Thomas sabia que jamais esqueceria aquela cena. Mas disse outra coisa a Teresa.

Vai passar. Talvez demore um pouco, só isso.

Você é tão convencido, ela retrucou.

Eu sei. Não era ridículo que adorasse ouvi-la falar assim dele? Não era ridículo o próprio sarcasmo, tentando convencê-la de que tudo ficaria bem? Grande idiota, é o que você é, disse a si mesmo. Depois torceu para que ela não tivesse notado aquele pensamento.

Odiei quando me separaram dos garotos, ela falou.

Mas Thomas entendia por que o haviam feito. Ela era a única garota entre os Clareanos adolescentes - um punhado de trolhos em quem não confiavam ainda.

Acho que quiseram proteger você.

É. Acho que sim. A melancolia impregnava aquelas palavras, envolvendo-as numa espécie de fluido penetrante dirigido a seu cérebro.

Mas é uma droga ficar sozinha depois de tudo o que passamos juntos.

Para onde levaram você, afinal? Ela parecia tão triste que Thomas cogitou se levantar e sair para procurá-la. Mas pensou melhor.

Para o lado oposto ao daquele salão comum onde comemos ontem à noite. Um quarto pequeno, com poucos beliches. Tenho quase certeza de que trancaram a porta ao sair.

Viu? Não disse que queriam protegê-la? E acrescentou depressa: Não que precise de proteção. Aposto tudo em você contra pelo menos a metade desses inúteis.

Só a metade?

Tudo bem, três quartos. Incluindo a mim.

De algum modo, Thomas continuava a perceber a presença de

Teresa, apesar do longo silêncio que se fez. Ele a sentia. Era quase como a certeza de que Minho estava deitado a pouco mais de um metro, no beliche de cima, embora não pudesse ver o amigo. E não era só por causa do ronco. Quando alguém de quem se gosta está perto, a gente simplesmente sabe.

Apesar de todas as lembranças acumuladas nas últimas semanas, Thomas sentia-se surpreendentemente calmo. O sono se impôs, dominador, e a escuridão cobriu de novo seu mundo. Mas Teresa continuava lá, perto dele, de muitas maneiras. Quase... tocando-o.

Não sentia o tempo passar nesse estado em que, quase adormecido, percebia a agradável presença dela. Sabiam que tinham sido resgatados daquele lugar horrível. Que estavam a salvo. Que ele e Teresa poderiam enfim se conhecer melhor. Que o futuro era promissor.

Sono feliz. Escuridão indistinta. Calor. Febre. Quase flutuando, o garoto sentiu que o mundo parecia desaparecer, doce e entorpecedor. E na escuridão que, de algum modo, confortava, Thomas se deixou levar por um sonho.

Está bem novinho. Quatro anos, talvez? Cinco? Deitado na cama com os cobertores puxados até o queixo.

Unia mulher sentada ao lado dele, as mãos dobradas no colo. Cabelo castanho e comprido, o rosto apenas esboça os sinais da idade. O olhar é triste, ele tem consciência disso, embora ela se esforce para escondê-lo com um sorriso.

Thomas quer dizer alguma coisa, fazer uma pergunta. Mas não consegue. Não está ali de verdade. É apenas testemunha de uma cena que não compreende direito. A mulher começa a falar, e o som de sua voz o perturba, ao mesmo tempo tão doce e raivoso.

- Não sei por que o escolheram, mas de uma coisa tenho certeza: de algum modo, você é especial. Nunca se esqueça disso. E jamais se esqueça do quanto - a voz falha e as lágrimas correm pelo rosto -, jamais se esqueça do quanto eu o amo.

O menino responde, mas não é Thomas quem fala - embora seja, de fato, ele. Nada faz muito sentido.

-Vai ficar maluca como toda aquela gente na TV, mamãe? Como o... papai?

A mulher estende a mão e corre os dedos pelo cabelo dele. Mulher? Não, não pode chamá-la assim. É sua mãe. Sua... mamãe.

- Não se preocupe com isso, querido - diz ela. - Não vai estar aqui para ver.

O sorriso dela se desmancha.

Rápido demais, o sonho se fora na escuridão, deixando Thomas no

vazio, sem outra coisa a não ser os próprios pensamentos. Será que outra lembrança surgira das profundezas de sua amnésia? Será que realmente tinha visto a mãe? Havia mencionado qualquer coisa sobre o pai ser louco. A dor, profunda e torturante, o faz mergulhar cone ainda piais afinco no esquecimento.

Mais tarde, Teresa o procurou de novo.

Toinn, tem algo errado.

2

Fi assim que tudo começou. Thomas ouvira Teresa dizer aquelas palavras, mas sua voz parecia muito distante, como se propagada em um túnel extenso e barulhento. O sono havia se transformado em algo que o prendia, como um líquido viscoso, espesso e grudento. Tomou consciência de si, mas percebeu que se afastava do mundo, sepultado sob a exaustão. Não conseguia acordar.

Thommas!

Teresa gritou seu nome - um estrondo lancinante em sua cabeça. O garoto sentiu a primeira pontada de medo, mas a considerou um sonho. Só podia estar dormindo. Se estavam seguros agora, se Teresa e todos os outros estavam bem, devia ser mesmo um sonho. Relaxou de novo, entregando-se ao torpor.

Porém outros sons furtivos lhe invadiram a consciência. Pancadas surdas. Rangido de metal contra metal. Estilhaços. Garotos aos berros. Um ruído mais parecido com o eco de gritos abafados, bem distantes. De repente, tornaram-se mais estridentes. Gritos medonhos de angústia. Ainda longe, no entanto. Parecia estar envolvido em um casulo espesso, macio e escuro.

Por fim, algo perfurou a bolha confortável do sono. Aquilo não estava certo. Teresa o chamara avisando que havia algo de errado! Lutou contra o sono profundo que o consumia, afastando de si o torpor intenso e sufocante.

Acorde!, gritou para si mesmo. Acorde!

Então algo se desfez dentro dele. Num instante, estava ali. No outro, havia sumido. Teve a sensação de que um órgão vital havia sido arrancado de seu corpo.

Era ela. Ela se fora.

Teresa!, gritou mentalmente. Teresa! Você está aí?

Nenhuma resposta. A sensação agradável de cumplicidade havia desaparecido. Gritou o nome dela de novo, depois outra vez, ainda lutando contra a opressão sombria do sono.

Por fim, a realidade se impôs, repelindo a escuridão. Thomas, engolfado pelo terror, abriu os olhos. Sentou-se imediatamente na cama e se ergueu num salto. Olhou ao redor.

Era o caos.

Os outros Clareanos corriam de um lado para outro no salão, aos gritos. E sons horrendos, terríveis, horripilantes cortavam o ar, como guinchos angustiados de um animal sob tortura. Caçarola estava lá: apontava para uma janela, o rosto pálido. Newt e Minho corriam em direção à porta. Winston mantinha as mãos sobre o rosto assustado e devastado pela acne, como se acabasse de ver um zumbi antropófago. Os demais tropeçavam uns nos outros, espreitando através das janelas, mas mantendo distância dos vidros. Dolorosamente, Thomas se deu conta de que nem sequer sabia o nome dos vinte garotos sobreviventes do Labirinto, um pensamento estranho em meio a toda aquela movimentação.

Algo que percebeu pelo canto do olho o fez se virar na direção da parede. O que viu afastou de vez qualquer tranquilidade e segurança que pudesse ter sentido ao falar com Teresa durante o sono. E o fez duvidar de que tais emoções pudessem existir no mesmo mundo em que se achava agora.

A não mais que um metro da cama, protegida por cortinas coloridas, uma janela deixava passar uma luz ofuscante a ponto de cegá-los. Os vidros estavam quebrados, e os cacos presos nas grades de ferro entrecruzadas. Do outro lado, um homem o observava, agarrado às grades com as mãos ensanguentadas. Exibia uma expressão de genuíno terror nos olhos arregalados e vermelhos de sangue. Ferimentos e cicatrizes cobriam o rosto fino e bronzeado. Na cabeça, nem um fio de cabelo sequer; apenas manchas esverdeadas de feridas que faziam lembrar algum tipo de musgo. Um talho horrível rasgava-lhe o lado direito da face. Era possível entrever os dentes pelo ferimento, pulsante e ulcerado. A saliva rosada escorria em fios sinuosos, gotejando do queixo.

- Sou um Crank! - gritou o homem assustador. - Sou um maldito Crank!

E passou a repetir, aos berros, as mesmas palavras, cuspidando a saliva maligna ao guinchar:

- Matem-nle! Matem-nie! Matem-me!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

